

# **GRUPO DE MONITORIA DISCENTE DE FÍSICA: O DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA EXPERIÊNCIA**

## **GROUP OF SECONDARY STUDENTS THAT ACT AS TUTORS OF THEIR COLLEAGUES: THE DEVELOPMENT OF A NEW EXPERIENCE**

**Luciana Faustino Guimarães<sup>1</sup>  
Eraldo Rizzo de Oliveira<sup>2</sup>, Alberto Villani<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo/ Programa de Mestrado em Ensino de Ciências – modalidade Física, luciana@if.usp.br

<sup>2</sup>Universidade de São Paulo/ Programa de Doutorado em Educação, eraldopj@bol.com.br

<sup>3</sup>Universidade de São Paulo/ Instituto de Física, avillani@if.usp.br

### **Resumo**

Os trabalhos em grupo, cada vez mais presentes no contexto escolar, têm figurado como uma importante estratégia que permite que se aprenda não apenas o conteúdo específico, mas que também permite desenvolver a argumentação, o debate de idéias e a colaboração. Neste trabalho acompanhamos um grupo de alunos de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola particular que atuavam como monitores de seus colegas de turma na disciplina de Física. Analisamos o desenvolvimento desse grupo, levando em conta aspectos subjetivos que permeiam o trabalho coletivo. Para isso utilizamos a teoria metapsicológica de Kaës (1997) sobre grupos e identificamos as fases de desenvolvimento atingidas e os fatores que ajudaram ou prejudicaram sua evolução.

**Palavras-chave:** psicanálise e educação, grupo de aprendizagem, monitoria discente

### **Abstract**

Group work is considered as an important strategy inside the school because students can learn not only the specific content, but they can develop argumentation and collaboration. For this paper we have studied a group of secondary students that act as tutors of their colleagues. We have analyzed the development of this group, taking into account subjective aspects that influence the group work. To do this, we have used Kaës' metapsychological theory (1997) about groups and we have identified the development phases reached and the factors that helped or blocked them.

**Keywords:** psychoanalysis and education, learning group, students-tutors

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a idéia de que devemos modificar o ensino tradicional que vêm sendo praticado parece estar se tornando consenso. Muitas propostas vêm sendo feitas e colocadas em prática: projetos interdisciplinares, promoção de debates e discussões em sala de aula, a importância da ênfase nos problemas do cotidiano do aluno, entre outras. Novas metodologias surgem na tentativa de preparar os alunos para as demandas sócio-político-econômicas da nossa atual sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), conhecidos como PCNs, são elaborados dentro dessa perspectiva de discutir as condições de ensino e os desafios para sua modificação. Idéias e atitudes educacionais já tão arraigadas, que se perpetuam em um processo transgeracional em que os novos professores atuam segundo os modelos com os quais aprenderam quando eram estudantes, não são nada fáceis de modificar. A própria instituição *escola* vêm se eximindo de sua responsabilidade, se firmando como apenas o cenário no qual ocorre o processo de ensino. Para sairmos desse modelo engessado é necessário que haja mudanças na própria escola, que ela passe a desenvolver atitudes e valores, através de atividades dos educandos como discussões, leituras, observações, experimentações e projetos, e não apenas desenvolver competências como o domínio de conceitos e a capacidade de utilizar fórmulas. É necessário um movimento de mudança de postura em sala de aula.

Diante desse novo cenário envolvendo a educação, e mesmo mais especificamente o ensino de ciências, uma estratégia que ganha cada vez mais espaço é a promoção de atividades em grupo. Dentro de sala de aula, esta é uma maneira de instigar a participação dos alunos, pois através das atividades coletivas eles interagem uns com os outros e participam de discussões desenvolvendo suas idéias e resolvendo problemas. Essa estratégia permite que se aprenda não apenas o conteúdo específico da disciplina, mas também a argumentar, a escutar e a respeitar opiniões diversas e a colaborar em prol de um objetivo comum.

Na literatura da área é possível encontrar diversas pesquisas que ressaltam aspectos importantes do trabalho grupal. Para Brown *et al.* (1989), o trabalho em grupo se faz mais eficiente que o trabalho individual na medida em que promove a cooperação, oferecendo oportunidades para se debater idéias e esclarecer dúvidas. Duschl (1995) e Wheatley (1991) acreditam que o trabalho em grupo promove uma oportunidade de discussão e argumentação imprescindível no processo de educação científica. Quando argumenta sobre seu ponto de vista o aluno desenvolve mais profundamente a sua compreensão sobre o problema.

Mas não é apenas dentro de sala de aula que o trabalho coletivo pode ser bastante valioso. Podemos ter grupos de professores planejando estratégias e contribuindo para uma integração maior entre as diversas disciplinas. Weigert *et al.* (2005) acompanharam o processo de construção de um trabalho interdisciplinar por um grupo de professores numa parceria entre uma escola de Ensino Médio e outras instituições de ensino e pesquisa.

Ou ainda, podemos pensar em reunir alunos fora da sala de aula em pequenos grupos de estudos. E pensando nesse sentido: por que não um grupo de monitores discentes? É possível pensar em um projeto como esse para as escolas: um grupo de alunos que ficariam a disposição de seus colegas para ajudá-los com suas dúvidas.

Neste trabalho analisaremos a trajetória de um grupo de alunos monitores que atuavam na disciplina de Física. Essa análise poderia ser pensada por diversos vieses, mas optamos por um que nos permite enxergar os aspectos subjetivos que permeiam o trabalho coletivo. O funcionamento dos grupos acontece em dois planos: um da intencionalidade consciente e outro da interferência de fatores inconscientes, de modo que os grupos são também pautados pelo aparecimento de ansiedades, fantasias, resistências, mecanismos de defesa. Assim, acreditamos

que as teorias psicanalíticas de grupo nos fornecem importantes elementos para entender o processo grupal.

Vários autores elaboraram teorias psicanalíticas de grupo que já foram usadas como referencial teórico para pesquisas na área de Ensino de Ciências. Barolli (1998) utilizou as idéias de Grupo de Trabalho e Grupo de Suposições Básicas desenvolvidas pelo inglês W. R. Bion (1970) para analisar grupos de alunos em um laboratório didático de Física. Com esse trabalho foi possível perceber que algumas posturas do grupo podem desviá-lo do objetivo da tarefa, e que a sua dinâmica pode ser pautada também por aspectos subjetivos, como emoções, que influenciam seu comportamento e sua disponibilidade para a tarefa. Sanchez (2002) e Silva (2006) exploraram o modelo de grupos operativos proposto por Enrique Pichon-Rivière (1994) ao analisar grupos de alunos resolvendo tarefas de Física. Valadares (2002) adaptou a teoria de René Kaës (1994, 1997) para interpretar os avanços e retrocessos de um grupo de professores que decidiu trabalhar coletivamente em uma nova perspectiva educacional em sua escola.

Neste artigo contaremos os eventos que marcaram o desenvolvimento de um grupo de monitoria discente de Física. O grupo é formado por alunos do 1º ano do Ensino Médio e o professor de Física, que ao longo do ano de 2003 se encontraram em reuniões semanais para discutir assuntos pertinentes à monitoria. Ao mesmo tempo em que narraremos os eventos, iremos apresentar os conceitos da teoria metapsicológica proposta por René Kaës (1997) e analisar as etapas de desenvolvimento pelas quais o grupo passa e quais fatores são marcantes ao longo do trabalho.

## **O SURGIMENTO DA MONITORIA DISCENTE DE FÍSICA**

Em 2002, um colégio confessional localizado em um bairro de classe média-alta da cidade de São Paulo, passou por uma reestruturação em seu corpo docente. Foi nesse contexto que um dos autores desse trabalho foi contratado para assumir as seis turmas de 1º ano do Ensino Médio, ministrando a disciplina de Física.

Durante uma reunião no final do primeiro trimestre foi esboçado um modelo de monitoria discente cuja motivação era a de “promover um maior envolvimento dos alunos com o estudo da Mecânica”. Em linhas gerais a proposta era a seguinte:

A proposta inicial consistia em criar a figura dos monitores em cada uma das seis turmas de 1º ano, cuja função principal seria dar apoio às atividades pedagógicas da disciplina como aulas de laboratório, na orientação de atividades em classe, ajuda na resolução de listas de exercícios, montagem de grupos de estudos com os demais alunos e o que mais surgisse conforme as demandas de cada turma. Esta estratégia seria uma oportunidade de partilha de responsabilidades quanto à construção do conhecimento através de grupos de estudo, grupos de trabalho e encaminhamentos de dificuldades. Isto tudo além de um desejo de significativa ajuda durante as aulas, visto que os monitores, partilhando o mesmo universo cultural dos demais alunos de sua turma, estariam numa posição mais privilegiada para esclarecerem ou encaminharem alguma dúvida sobre os assuntos tratados nas aulas. (OLIVEIRA, 2004, p. 49)

A cada trimestre seriam selecionados dois alunos de cada turma para compor a equipe de monitoria. Como forma de organização do trabalho decidiu-se por uma reunião semanal que contaria com a participação de todos os monitores e o professor, “na qual tudo o que ocorresse nas aulas de Física daquela semana, e mesmo fora delas, seria objeto de discussão, apontando acertos e ajustes necessários”. Essas reuniões deveriam ocorrer fora do horário de aulas e a participação em todas elas deveria ser o primeiro compromisso assumido por eles na monitoria.

Como contrapartida a esse trabalho, decidiu-se por bonificá-los em suas médias trimestrais mediante avaliação de seus trabalhos como monitores; avaliação essa que seria feita pelo professor de acordo com seu envolvimento e dedicação com as tarefas propostas.

Foram três as principais atividades desenvolvidas durante essa edição da monitoria. Uma delas era o **Atendimento e Encaminhamento de Dúvidas dos Colegas de Classe**. Essa atividade consistia basicamente na disponibilidade dos monitores para ajudar os colegas que precisassem deles. Eles deveriam atender os alunos com dificuldades a qualquer momento, podendo ser durante as aulas ou fora delas e deveriam preencher e entregar ao professor uma *ficha de atendimento da monitoria* constando os nomes dos alunos atendidos e suas dúvidas.

Uma segunda responsabilidade dos monitores era o **Apoio Pedagógico nos Plantões de Física**. Os plantões ocorriam fora do horário das aulas e, com duração de uma hora, eram uma oportunidade a mais para que os alunos pudessem ter atendimento com relação a suas dúvidas com a disciplina. Embora o professor fosse o responsável por encaminhar o plantão, alguns monitores sempre o acompanhavam nessa tarefa.

E a terceira atividade dos monitores era o **Controle das Inscrições para os Plantões de Física**. Os monitores eram responsáveis por registrar as inscrições dos alunos.

Pelos relatos obtidos de monitores e alunos, a monitoria foi um sucesso, mas eles também fizeram muitas críticas e sugestões de mudanças. Tudo isso foi levado em conta pelo professor na edição seguinte da monitoria, em 2003.

## A PESQUISA

O ano de 2002 foi um ano de experimentações e de ajustes para a monitoria e é importante saber o que ocorreu nesse ano para entender como se deu o amadurecimento do projeto. A pesquisa que apresentamos nesse artigo trata-se do grupo de monitores formado no ano seguinte: 2003. Como o professor de Física que desenvolveu a monitoria ministrava aulas apenas para as turmas de 1º ano do Ensino Médio, em 2003 foi selecionado um novo grupo de monitores, com os alunos que ingressaram nesta série.

O professor, ao longo do ano, registrou dados sobre a monitoria através de atas das reuniões semanais, questionários respondidos por alunos e monitores, entrevistas, mensagens eletrônicas trocadas entre eles e um diário de campo. Com isso, ele escreveu um relato sobre essa experiência em sua dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2004).

O material que nós utilizamos para esta pesquisa é a própria dissertação do professor: seu relato e os trechos de textos e mensagens eletrônicas dos monitores transcritos por ele. A análise de dados foi feita através de dois procedimentos. Primeiramente reconstruímos os eventos que marcaram a monitoria em 2003 e fizemos uma descrição do desenvolvimento geral do grupo. Em seguida, partimos para a interpretação dos eventos com a ajuda do referencial teórico de grupos de René Kaës (1997). O professor participou desse processo relatando eventos ou detalhes que não estavam na dissertação, mas que são importantes para a nossa interpretação.

Para este trabalho optamos por apresentar o referencial teórico ao mesmo tempo em que narramos os eventos que cercaram a monitoria. Nosso propósito é identificar as fases de desenvolvimento atingidas pelo grupo e quais os fatores que ajudaram ou prejudicaram sua evolução.

## UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA PARA OS EVENTOS QUE MARCARAM O GRUPO DE 2003

Para uma análise diacrônica, ou seja, do desenvolvimento do grupo ao longo do tempo, Kaës propõe a existência de *organizadores do vínculo grupal* (KAËS, 1997) dentro de um enfoque genético que permite uma seqüência organizativa da história do grupo. Através dessa

seqüência podemos descrever as transformações dos organizadores do grupo, os estágios de desenvolvimento do vínculo e o encadeamento das estruturas.

### **Momento Originário e Primeiro Organizador Grupal**

Em 2003, o processo de seleção dos monitores ocorreu apenas no final do primeiro trimestre, sendo que os meses iniciais do ano letivo seriam reservados à fase de divulgação do projeto. Durante todo o primeiro trimestre o professor propôs e esclareceu o mecanismo de funcionamento da monitoria, seus propósitos e o que esperava com ela.

Em 2002, indiretamente, tinha sido possível verificar que o critério adotado para a seleção dos monitores - indicação do professor levando em consideração apenas os resultados nas avaliações de Física - não tinha sido a melhor opção. Já nessa época percebeu-se que mais do que ter um bom desempenho na disciplina de Física, era importante que os monitores tivessem um bom trânsito entre os vários subgrupos de alunos que se formam em suas turmas. Era necessário que esses monitores fossem reconhecidos como tais por seus colegas, que fossem pessoas de fácil acesso, e de fácil comunicação, para que os alunos se sentissem seguros em procurá-los quando tivessem dúvidas com a matéria.

Sendo assim, ao final do primeiro trimestre, o professor pediu aos alunos que respondessem a um questionário indicando três colegas que eles gostariam que fossem seus monitores de Física (era possível que o aluno indicasse seu próprio nome se assim desejasse).

Então, os critérios adotados para a seleção de monitores de 2003 são:

1. Maiores médias trimestrais, desconsiderando os alunos cujas médias fossem menores que 7,5;
2. Maior quantidade de indicações dos colegas da turma, com limite mínimo de 1/3 da quantidade de alunos na turma.

Nesse ano resolveu-se fazer duas seleções. Na primeira, em abril, seriam convidados dois alunos por turma e na segunda, em agosto, mais um aluno por turma. Dessa forma, obteriam-se uma equipe formada por 18 monitores (considerando-se as seis turmas de 1º ano).

Com o número de monitores definidos e a lista de indicações associada ao desempenho dos indicados, o professor fez o convite a esses alunos. Caso algum deles não aceitasse (e isso aconteceu), seria então convidado o próximo da lista.

Uma novidade importante apareceu em 2003. Alguns monitores do ano anterior gostariam muito de continuar participando do projeto, mas a mudança de série implicava em um novo professor que não havia aderido à monitoria. Assim, decidiu-se abrir para que os alunos que estavam agora no segundo ano pudessem se inscrever para serem monitores inter-séries, ou seja, seriam monitores dos alunos do 1º ano.

Seis alunos se inscreveram para a monitoria inter-séries e somados aos 18 monitores do 1º ano, compunham a equipe de monitoria que contou com um total de 24 monitores.

Marcou-se o dia da primeira reunião de monitoria: 05 de junho de 2003. Estar presente nessas reuniões era o primeiro compromisso que cada monitor assumia. Todos compareceram, inclusive os monitores inter-séries, e as apresentações foram feitas. Nessa reunião inaugural, o professor explicita melhor qual a função da monitoria, o seu propósito ao propor esse projeto e entrega aos monitores o *Contrato Pedagógico dos Monitores de Física* (OLIVEIRA, 2004, p. 239), no qual constam os seus compromissos, a forma como o professor os avaliará, quanto será a bonificação na nota que eles receberão.

Nessa primeira reunião ficaram definidas as suas primeiras funções: os monitores do 1º ano ficariam responsáveis pelo **Atendimento às Dúvidas dos Colegas** e **Controle das Inscrições para o Plantão**, enquanto que os monitores do 2º ano ficariam responsáveis pelo

**Apoio Pedagógico nos Plantões de Física** (nesse ano os plantões ficaram a cargo apenas desses monitores inter-séries).

“[...] Chegou a reunião, que foi minha primeira ação como monitora. Recepção calorosa, bombons, boas vindas, foi só festa e tenho que admitir, fiquei bem mais segura [...]” **Rossana**

Durante os meses de maio e junho os monitores não têm uma atuação muito grande, pois ainda estão se adaptando, e não surgem novidades além das duas primeiras atividades que já foram delegadas a eles, sendo que estas se desenvolveram nos mesmos moldes do ano anterior.

Esse período é o que Kaës chama de *Momento Originário* do grupo. Nele o grupo é percebido pelo sujeito como um objeto que pode sustentar seus anseios, projetos e angústias. Ao mesmo tempo, o sujeito espera ser reconhecido pelos outros membros e para isso o grupo passa por um momento de construção de identificações.

Ao convidar os alunos selecionados, o professor pediu para que cada um deles escrevesse um pequeno texto contando o que esperava ganhar e o que poderia oferecer na monitoria. Vamos observar o que uma das monitoras escreveu para, em seguida, explicar de que forma falas como essa marcam as características do momento originário descritas por Kaës:

“Me tornando monitora espero ganhar conhecimento e facilidade com a matéria de Física, além de ajudar aos outros alunos a entenderem melhor a matéria. Também espero ajudar o professor a ver as dúvidas mais freqüentes da sala e descobrir os alunos com mais dificuldades, sempre com o intuito de ajudá-los.” **Paula** (grifo nosso)

A partir do convite do professor para constituir um projeto inovador na escola em termos de estratégia pedagógica para a disciplina de Física, o grupo começa a se estabelecer para realizar a tarefa proposta, marcando o início do grupo. Quando aceitaram participar do projeto, cada um dos monitores e o professor organizaram, consciente e inconscientemente, representações de como seria realizar esse trabalho.

Podemos perceber pelo texto dos monitores que havia uma certa ansiedade em se preparar bem para a disciplina nesse primeiro ano de ensino médio. É recorrente em seus textos que eles esperam aprender mais e ter mais facilidade com essa disciplina, que costuma ser vista pelo corpo discente como o “terror” do ensino médio. O grupo de monitoria parece ser o objeto no qual eles podem depositar esse anseio, afinal a proposta fundadora do grupo – ajudar os colegas – acaba por reunir nesse projeto alunos com interesse em desenvolver seus estudos e melhorar seus resultados escolares. Nesse início, o grupo construiu identificações e assinalou o lugar de cada indivíduo no grupo.

No final do ano também foi pedido aos monitores que escrevessem sobre como foi a experiência da monitoria. Um deles disse algo que nos remete às identificações construídas no momento originário:

“[...] As reuniões de quinta-feira, além de ser um bom momento para você [professor] nos auxiliar, é também um bom momento para ver que no colégio existem também pessoas que pensam igual a você [ele mesmo], por isso eu até nomeei isso de N.A. (Nerds Anônimos)...” **Felipe**

O monitor Felipe diz que encontrou no grupo pessoas que pensam como ele, pessoas que querem estudar muito, que estão com vontade de se dedicar de fato à disciplina (por isso o apelido ao grupo de *Nerds Anônimos*, apelido esse que “pegou” e passou a ser como os monitores se referiam aos encontros semanais).

Nesse momento inicial do grupo aparecem as *alianças inconscientes*. Essas alianças organizam a criação do vínculo e são levadas em consideração pelo sujeito ao construir sua identidade de sujeito e sua pertença ao grupo. Dentre as alianças inconscientes, duas nos serão bastante importantes: o *contrato narcísico* e o *pacto denegativo*.

O contrato narcísico implica nas obrigações que cada membro do grupo deve assumir em troca do investimento do qual ele é objeto. “Cada sujeito é portador de um lugar no conjunto do qual advém, e, para assegurar a sua continuidade, o conjunto deve, por sua vez, investir narcisicamente neste elemento novo” (KAËS, 1997). Portanto, é preciso que o sujeito singular assumira um determinado lugar designado pelo grupo e que mantenha o discurso que concerne ao mito fundador do grupo (KAËS, 1989).

Ainda, para que os processos associativos em grupo se estabeleçam é preciso recalcar algumas representações, ou seja, rejeitá-las. Essa é a função do pacto denegativo, que se constitui em um mecanismo de defesa contra os perigos que podem ameaçar a grupalidade.

No caso do grupo de monitores o contrato narcísico (podemos ajudar nossos colegas e vamos ser alunos ainda melhores) parece bastante claro. Já o pacto denegativo (não questionar a eficiência de seu próprio trabalho como monitores), só se torna mais evidente quando analisamos melhor as atividades do grupo. O que ocorre é que os monitores reclamam do fato de que poucos alunos aderem à monitoria, pois a presença nos plantões e grupos de estudos é baixa. Mas ao mesmo tempo, eles sempre dizem que a monitoria funciona sim, mas apenas para aqueles que se interessam. Com isso percebemos que eles fazem críticas à monitoria, mas colocando a responsabilidade do seu insucesso parcial nos alunos pouco interessados, e nunca questionando a maneira deles agirem enquanto monitores. Essas duas formas de aliança inconsciente são formadas, criando os vínculos e contribuindo para uma primeira organização de nosso grupo.

Articulado ao momento originário, temos o *primeiro organizador grupal*, “quando é percebida uma função unificadora em virtude de uma angústia muitas vezes intensa, que resultará na formação do conjunto” (VALADARES, 2002, p. 28). O grupo, então, pode constituir um *intermediário* para a reconstrução do que foi perdido no momento originário.

As *formações intermediárias* são um construto teórico proposto por Kaës (1997), são formações psíquicas que têm a função de ligação e que no caso de uma situação grupal podem ser “solicitadas” para estabelecer a ligação. Dessa forma, o conceito de intermediário “permite fazer a mediação, a ponte entre duas ordens de realidade que possuem sua lógica própria, que são heterogêneas e que, por consequência, não podem ser reduzidas uma à outra” (KAËS, 2005, p. 11). Dessa forma, é possível tratar “as relações entre continuidade e ruptura, entre permanência e transformação” (KAËS, 2005, p. 12).

## **Segundo Organizador: a colocação de um Envelope Grupal**

Grandes novidades para a monitoria aconteceram no segundo semestre. Na primeira reunião depois das férias de meio de ano, o professor abriu para que os monitores expressassem suas impressões sobre o ritmo do curso (que ficou bem mais acelerado no segundo trimestre) e sobre o grau de exigência da prova realizada no final do semestre anterior. Os monitores falaram abertamente sobre o que pensavam a respeito desses dois assuntos, fizeram as reclamações que acharam pertinentes, mas também propuseram soluções para os problemas da sala de aula que estavam sendo manifestados naquela conversa.

Este fato acaba inaugurando uma nova atividade para os monitores: a **Discussão sobre Aspectos Ligados às Avaliações Aplicadas**. Pelo relato do professor podemos perceber as opiniões relevantes e boas sugestões que os monitores deram para assuntos referentes às aulas ministradas e avaliações propostas por ele. Dessa forma, eles assumiram uma co-responsabilidade para com o curso de Física, ajudando nos desafios que apareciam, especialmente quando atividades novas surgiam ou momentos avaliativos se afiguravam.

Aqui já podemos perceber um movimento de mudança de atitude desse grupo. No primeiro semestre os monitores estavam ainda bastante ligados à fantasia do professor ao fundar o grupo – de ficarem à disposição para ajudar os colegas - e por isso seguiam todas as suas orientações, sem parecer que houvesse muito espaço para questionamento. A partir desse momento o grupo já começa a permitir a circulação de críticas voltadas ao trabalho do professor em sala de aula. Além disso, começam também a aparecer sugestões dadas pelos monitores no sentido de produzir resultados melhores dentro da situação problemática apresentada pelo professor.

Ainda no início do segundo semestre, o professor propôs mais uma atribuição aos monitores inter-séries: a **Correção de Listas de Exercícios de Mecânica dos Primeiros Anos**. Esses monitores concordaram e demonstraram gostar da idéia, dizendo que essa seria mais uma oportunidade para revisarem a matéria aprendida no ano anterior. O professor elaborava um gabarito que era usado por eles para corrigir as listas.

Fazendo parte do conjunto das inovações surgidas no início do segundo semestre, encontra-se também a **Tutoria de Monitores a Alunos com Dificuldades Específicas**. O professor pensou em utilizar os monitores em algumas situações específicas, como quando um aluno novo chega à escola no decorrer do ano letivo, quando um aluno se afasta por problemas de saúde, ou mesmo com alunos que têm alguma dificuldade específica.

Em pelo menos dois casos a tutoria foi muito importante. Num deles uma aluna ingressou na escola no meio do ano, vindo de uma instituição onde o conteúdo trabalhado era diferente, e no outro, uma aluna teve de se afastar da escola por dois meses devido a um problema de saúde. Os dois casos da tutoria foram muito bem sucedidos, inclusive com as duas meninas tutoradas comentando espontaneamente os casos quando da aplicação de um questionário de avaliação da monitoria no final do ano. Ambas ressaltam o quanto foi importante e útil ter o monitor por perto e interessado em ajudá-las nesses momentos.

Mas a grande novidade mesmo foi a criação de **Grupos de Estudos Coordenados pelos Monitores**. Esses pequenos grupos, formados por no máximo quatro alunos com dificuldade que se encontram uma vez por semana, na escola, fora do horário de aulas, em dia e hora previamente combinados, para estudarem juntos, com um monitor presente para auxiliá-los.

Já nas primeiras semanas do segundo semestre, os grupos de estudo começaram a ser organizados e se configuraram no quesito de maior aproveitamento da monitoria nesse ano. Os monitores eram totalmente responsáveis pelos seus grupos e podiam canalizar as atenções para os assuntos que julgassem necessários.

Para controle e organização dos grupos de estudos os monitores deveriam anotar, no verso da *ficha de atendimento da monitoria*, quais alunos compareceram ao encontro do grupo e como está o andamento dos estudos.

O envolvimento dos monitores com essa atividade foi muito grande. Mas eles não se limitavam a apenas cumprir à risca a proposta feita pelo professor e apresentar os resultados. Sua participação ia muito além, opinando sobre os moldes e funcionamento dos grupos, sobre qual sua melhor estruturação e dando sugestões importantes para o desenvolvimento das atividades. Algumas mensagens eletrônicas enviadas ao professor sobre esse assunto evidenciam isso:

“Oi Eraldo, Acho que você deveria mudar o grupo 3, a Marcela e o Plínio iriam se atrapalhar!!!! Você poderia trocar o Plínio pelo Gabriel. Isso é só, até breve.  
**Stéfano**”

Também há vários comentários espontâneos deles sobre esses grupos em seus textos de avaliação no final do ano:

“[...] Mais recentemente foram atribuídas mais responsabilidades aos monitores, que ficaram encarregados de auxiliar um pequeno grupo de alunos com mais

dificuldade em horários fora da aula, a entenderem a matéria e não mais na véspera da prova, o que para mim não trouxe prejuízo algum, pois trata-se só de uma hora por semana que, com certeza será muito válida para as pessoas do grupo, que às vezes só vão mal por falta de atenção nas aulas, e elas têm mais uma chance de tentarem melhorar [...]” **Paula**

Os monitores eram autônomos no que dizia respeito aos grupos de estudo, e na mensagem eletrônica enviada por uma das monitoras ao professor podemos perceber isso:

“[...] De fato, o professor foi bem sutil. A princípio parecia que só teria que tirar dúvidas dos colegas. Realmente no início foi assim. Agora já é preciso vir [...] para auxiliar os alunos do grupo de estudos do qual sou responsável. [...] Ah, falando nisso, eu e a Paula (outra monitora), tivemos uma idéia. Como nossos grupos de estudos são no mesmo dia e horário, combinamos de revezar. Numa quarta eu auxilio os meus colegas e os dela e na outra ela o realiza. [...]” **Thais**

Algumas informações dessa mensagem são bastante importantes. Primeiramente fica clara a mudança de postura da monitora no decorrer do processo, pois ela começa a se deparar com novas possibilidades, sendo agora responsável por um grupo de estudos. Seu modo de colocar essa passagem demonstra que para ela esse foi um passo importante, a introdução do grupo de estudos constituiu uma mudança no que ela acreditava ser a monitoria. A partir daí o grupo passa a ter um novo sentido para ela, começando a se desvencilhar da fantasia inicial do professor, para construir seus próprios propósitos dentro do grupo, mas respeitando o contrato narcísico e o pacto denegativo grupais.

Quando o grupo avança, o *segundo organizador grupal* marca uma nova fase: a colocação do *envelope grupal*. A partir daí aparecem as primeiras regras em comum e uma linguagem simbólica que legitima as normas começa a ser elaborada. Nessa fase começa a haver uma abertura para o surgimento novamente do sujeito e da palavra individual e os processos de subjetivação promovem a mobilidade de papéis e lugares no grupo.

O segundo semestre foi marcado por grandes inovações para a monitoria. Os monitores passaram a opinar frequentemente no planejamento do curso e passaram a atuar cada vez mais como co-pensores das estratégias pedagógicas, passaram a corrigir listas de exercícios, começaram a se responsabilizar por alunos específicos através da tutoria e ainda se tornaram coordenadores de grupos de estudos com os alunos com dificuldades. E todas essas novidades surgiram quase que ao mesmo tempo: nas primeiras semanas de agosto. Se no início parecia que eles teriam “apenas” que estar a disposição para responder dúvidas dos colegas e “aparecer” para as reuniões semanais, agora eles percebem que têm muitas responsabilidades e compromissos, não apenas com os alunos de suas turmas, mas também com o próprio grupo de monitoria.

Essas atitudes do professor não foram por acaso, sua experiência anterior com grupos de jovens na igreja lhe indicavam que a monotonia, ainda mais na fase juvenil, é um fator que precisa ser administrado. Dessa forma, ele pensou em oferecer mais opções de trabalhos para que cada um pudesse se identificar e crescer.

O conjunto dessas inovações propostas pelo professor foi um intermediário que permitiu que o grupo de monitoria amadurecesse e passasse para uma nova fase, deixando a fantasia colocada pelo fundador do grupo para começar a constituir uma nova organização grupal, onde cada sujeito singular pode começar a aparecer. As regras formuladas pelo grupo começam a figurar e percebemos isso quando os monitores passam a tomar a palavra e participar ativamente da organização das atividades, opinando e criticando. Nesse segundo semestre o grupo apresenta uma postura diferente daquela do início, marcando essa nova fase em seu desenvolvimento.

### **Terceiro Organizador Grupal: a fase mitopoética**

Segundo Kaës o grupo ainda pode caminhar para uma fase em que a diferenciação entre o sujeito singular e o grupo no espaço psíquico será sustentada pelo acesso ao simbólico: a *fase mitopoética*.

Nessa fase, o grupo surge como uma organização simbólica de relações de diferença entre os sujeitos (KAËS, 1997). Assim, a partir desse momento o grupo torna-se capaz de tolerar o funcionamento de níveis heterogêneos, ou seja, de aceitar posições diferenciadas.

O grupo não é mais um prolongamento dos sujeitos, cada um pode dar a sua contribuição, ter opiniões diferenciadas e expressá-las, contribuindo para o trabalho coletivo. O que antes poderia ser interpretado como um ataque ao próprio grupo, fazendo com que este ignorasse o sujeito, agora pode ser ouvido e usado a favor do grupo na busca de instrumentos para enfrentar os desafios e as demandas da realidade.

O grupo de monitores não chegou a atingir essa fase, encerrando suas atividades dentro de uma configuração característica do envelope grupal. Embora eles já estivessem contribuindo com críticas e sugestões, ajudando o professor a organizar os grupos de estudo de maneira mais eficiente e mesmo reclamando da não adesão dos colegas à monitoria, eles ainda estavam bastante dependentes do professor. As mobilizações eram sempre geradas por comentários, perguntas ou proposições de tarefas pelo professor. Os monitores davam suas opiniões em muitas situações, mas ainda não havia espaço para questionamentos mais profundos acerca da eficiência de sua atuação e dos métodos propostos pelo professor. O diferente ainda não tinha livre circulação nesse espaço, não havendo a diferenciação entre o sujeito e o grupo, características da fase mitopoética. Chegar a essa fase seria atingir uma autonomia do grupo bastante desejável.

## CONCLUSÃO

O trabalho coletivo pode ser uma eficiente estratégia em ambientes de ensino-aprendizagem. Em sala de aula, os alunos têm oportunidades de debater idéias, argumentar a favor de seu ponto de vista e aprender a respeitar opiniões diversas. Fora de sala de aula, grupos de professores podem se engajar em um trabalho colaborativo em prol da dinâmica e das inovações no processo de ensino. Mas, embora possa parecer que o trabalho em grupos pode ser a “salvação” para todos os problemas, é importante ressaltar que ele não é seguramente uma estratégia vencedora. Muitos fatores podem influenciar a maneira como um grupo desenvolve seu trabalho e é importante conhecermos esses fatores e como eles agem no trabalho coletivo para que possamos pensar em intervenções mais eficientes.

Neste trabalho acompanhamos a trajetória de um grupo especial: alunos monitores da disciplina de Física. A concepção de uma monitoria discente, com o estabelecimento das regras sob as quais ela deve funcionar, é uma atitude inovadora. Essa atitude do professor de Física, ao propor a idéia e resolver encarar o desafio sozinho, é bastante audaciosa. Da mesma forma que os alunos poderiam se envolver com o projeto, também poderiam tê-lo ignorado, poderiam ter se recusado a participar, ainda mais se levarmos em conta que seria necessário estudar mais Física. E sem alunos dispostos a se tornarem monitores, não haveria monitoria.

Felizmente, o professor conseguiu cativar os alunos. Ele convida para a formação do grupo e os alunos selecionados aceitam o convite pelos mais variados motivos, mas para que o grupo se estabeleça é necessário muito mais do que simplesmente comparecer à convocação.

Através da teoria de grupos desenvolvida por Kaës percebemos que o Momento Originário do grupo envolve uma série de fatores importantes. É nesse momento que as alianças inconscientes são estabelecidas, e o contrato narcísico e o pacto denegativo firmados pelo grupo marcam o modo como cada sujeito singular age na grupalidade.

Neste caso, havia uma ansiedade, por parte dos alunos que aceitaram viver a experiência da monitoria, em se preparar bem para a disciplina de Física. Esta costuma ser vista com bastante

preocupação pelos alunos e em geral é com muita surpresa que se escuta alguém revelar que gosta de estudar Física. Assim, no grupo de monitoria, alunos de diferentes turmas acabaram encontrando pessoas “como eles”, interessadas em se dedicar e aprender mais e dispostas a compartilhar seu conhecimento com os colegas com mais dificuldade. Isso marca o contrato narcísico desse grupo: estudar mais, ser ainda melhor e ajudar os colegas. E marca também a construção de identificações que permite o início de uma afiliação dos membros do grupo. O pacto denegativo também tem um papel importante, pois trata-se daquilo que não pode ser revelado para não desestruturar o grupo. Neste caso, não se deve questionar a eficiência de seu próprio trabalho como monitor, e esse acordo inconsciente firmado pelos membros do grupo é um mecanismo de defesa e manutenção da grupalidade.

O grupo ainda precisa passar por várias etapas até atingir uma autonomia e para que o grupo avance é necessário que intermediários adequados sejam criados. O professor conseguiu criar um importante intermediário ao introduzir diversas novidades para a monitoria no segundo semestre. Isso fez com que os alunos se envolvessem mais com a proposta e começassem a criar uma postura mais crítica e participativa, contribuindo com importantes sugestões. Neste momento, embora já tenha havido um importante progresso com relação ao momento inicial, o grupo ainda não suporta diferenças e opiniões divergentes ainda não são toleradas.

Mas que autonomia é essa que estamos desejando que esse grupo alcance? A fase mitopoética é marcada por questionamentos, críticas e proposições de soluções, contribuindo para um trabalho eficiente no qual o grupo está engajado, tendo superado a fase em que depende do líder para sua sobrevivência. Neste estágio o investimento no grupo é bastante grande e cada indivíduo contribui criticamente para o desenvolvimento do trabalho coletivo.

Entretanto, não podemos ignorar a realidade na qual o grupo de monitoria está inserido. Estamos tratando de um grupo de adolescentes em uma escola cuja cultura discente é de não valorização do conhecimento, em que se quer apenas cumprir as tarefas burocraticamente para vencer essa etapa escolar de suas vidas o mais rapidamente possível. Dentro deste contexto, levando em conta que esses jovens, cheios de inseguranças e imaturidades inerentes à essa fase complicada do desenvolvimento, apesar da cultura estabelecida de não comprometimento com o conhecimento, ainda assim se dispuseram a compor um grupo de monitoria para justamente contribuir para a disseminação do conhecimento físico entre seus colegas, devemos nos perguntar o tamanho do ganho que isso representa. Embora o grupo não pareça ter atingido essa fase final em que não dependeria do professor e que seria capaz de questionar seus trabalhos e usar isso a favor de um constante desenvolvimento de estratégias para a monitoria, eles chegaram a um grau de comprometimento com a proposta bastante surpreendente dadas as condições, afinal já estavam contribuindo com algumas críticas e proposições de soluções para os problemas colocados pelo professor. Podemos pensar, então, que dada a realidade posta, a maturidade atingida por esse grupo é bastante significativa.

Ao longo da experiência é possível perceber o importante papel desempenhado pelo professor, pois apenas convocar para o projeto não é garantia que o grupo vá se manter. O professor conseguiu facilitar o desenvolvimento; seu compromisso e seu empenho com a monitoria foram capazes de sustentar o grupo. A resposta dos monitores a todo esse investimento do professor é que eles deixam de apenas fazer o que ele pede para assumir uma postura de responsabilidade pelo projeto. É importante ressaltar aqui a influência que esse professor em especial tem nos resultados obtidos. O modelo de monitoria criado por ele certamente não é uma receita que garante o sucesso em qualquer situação. A relação que o professor conseguiu estabelecer com esses alunos é marcada por diversos fatores (características de personalidade, contexto da escola, experiência dos alunos com outros professores, etc) e com certeza teve papel muito importante no desenvolvimento grupal.

Ainda assim, o sucesso dessa experiência nos serve de exemplo de como é possível investir em experiências como essa para uma disciplina como a Física. Experiência na qual

ganham os monitores que certamente aprenderam muito, ganham os alunos que tiveram uma oportunidade a mais para aprender e ganha também o professor. Mas todo investimento em um trabalho grupal deve também levar em conta os fatores de ordem subjetiva que podem influenciar fortemente o grupo em sua disposição para a tarefa. A atenção a esses fatores ajuda a pensar em intervenções mais efetivas para propiciar o desenvolvimento do grupo.

Além de todos esses ganhos devemos também ressaltar a importância sócio-cultural dessa experiência, afinal viver em grupos é mais que uma necessidade, é uma vocação humana geneticamente estabelecida. Educar para a maturação grupal, administrar conflitos e vivenciar as possibilidades e expectativas, frustrações e angústias de um grupo é educar para o convívio no bairro, na cidade, no país, despertando a co-responsabilidade para o futuro desejado, para o projeto de vida construído em comum, sempre em grupo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barolli, Elisabeth. Reflexões sobre o trabalho dos estudantes no laboratório didático. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.
- Bion, W. R. *Experiências com Grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Brasil. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Brown, J S; Collins, A & Duguid, P. Situated cognition and the culture of learning. *Educational Researcher*, 1 (1): 32-42, 1989.
- Duschl, R. Más allá del conocimiento: los desafíos epistemológicos y sociales de la enseñanza mediante el cambio conceptual. *Enseñanza de las Ciencias*, 13 (1), 1995.
- Guimarães, Luciana F. & Villani, Alberto. As Suposições Básicas em um Grupo de Monitoria Discente de Física. *Atas do X EPEF*, 2006.
- Kaës, René et al. *Realidade Psíquica e Sofrimento nas Instituições*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- Kaës, René. *O Grupo e o Sujeito do Grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- Oliveira, Eraldo R. Monitoria Discente no Ensino Médio de Física: promovendo singularidades. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, IFUSP, 2004.
- Pichon-Rivière, Enrique. *O Processo Grupal*. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- Sanchez, Rafael U. Grupos Operativos de Aprendizagem: uma perspectiva de mudança para a relação ensino aprendizagem. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, IFUSP, 2002.
- Silva, Glauco S. F.; Villani, Alberto, A construção de intersubjetividade nas aulas de Física: como e por que um grupo funciona? In: *Encontro de Pesquisadores em Ensino de Física*, 10., 2006, Londrina, **Anais...**Londrina, 2006. 1-CD-ROM
- Weigert, C.; Villani, A. & Freitas, D. A Interdisciplinaridade e o Trabalho Coletivo : análise de um planejamento interdisciplinar. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 1, p. 145-164, 2005.
- Wheatley, G H. Constructivist perspectives on science and mathematics learning. *Science Education*, 75 (1), 1991.
- Valadares, Juarez M. As Formas e a Construção da Subjetividade em um Grupo de Professores. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, IFUSP, 2002.